

PROTAGONISMO DO ALUNO NA APLICAÇÃO DE OFICINA DE XADREZ: DERRUBANDO BARREIRAS PARA UMA ESCOLA INCLUSIVA

Cássia Eufrasia da Silva Costa ¹

Maria Selta Pereira ²

Ednilsa Ferreira de Oliveira ³

Cristiana de Paula Santos ³

RESUMO

Relato de uma experiência de oficina de xadrez ministrada na semana da educação inclusiva no ano de 2022. A elaboração da oficina ocorreu na sequência de atendimentos ao aluno com autismo que é público-alvo do Atendimento Educacional Especializado AEE. Justifica-se a escolha da prática em diminuir barreiras encontradas pelo aluno com autismo de nível de suporte 1 no ambiente escolar, criando caminhos a partir de suas habilidades e potencialidades para contínua permanência do educando dentro do espaço educacional que é a escola. O aluno tinha dificuldades de frequentar a sala de aula com fragilidades em barulho e interação social. Objetiva-se nesta oficina de xadrez promover ao aluno com Transtorno do Espectro Autista o desenvolvimento de suas potencialidades no ambiente escolar, favorecendo o protagonismo do aluno e a interação com seus pares e a permanência do estudante na frequência escolar nos atendimentos e nas aulas da sala comum. A metodologia abordada foi a aplicação do Plano de AEE, em 8 atendimentos de 50 minutos. De acordo com contribuições dos autores Mantoan e Lanuti, do livro: a escola que queremos para todos. A oficina de xadrez veio a desenvolver as funções executivas do aluno, contribuindo para elaboração e organização de estratégias; a sustentação da atenção; a flexibilidade e a plasticidade comportamental; a mudança estratégica e a programação do que iria ocorrer (Fonseca, 2014). A interação do aluno com os participantes foi muito relevante nesta experiência, já que o aluno não conseguia conversar com os colegas. O aluno com a função de instruir e ensinar o método do jogo xadrez conseguiu interagir e conversar com os participantes da oficina. Considera-se que a atuação do professor para este aluno oportunizou ao aluno e a escola a vivenciar a escola para todos, em que tanto o aluno com deficiência aprende, como também ensina.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista, barreiras, oficinas, potencialidades

¹ Mestra em Ensino e Formação Docente – PPGEF, Instituto Federal do Ceará IFCE - UNILAB, cassiaazul2@gmail.com

² Graduado pelo Curso de **XXXXXX** da Universidade Federal - UF, coautor1@email.com;

³ Mestrando do Curso de **XXXXXX** da Universidade Estadual - UE, coautor2@email.com;

INTRODUÇÃO

O presente estudo é o relato de uma experiência de oficina de xadrez ministrada na semana da educação inclusiva no ano de 2022. A elaboração da oficina ocorreu na sequência de atendimentos ao aluno com autismo⁴ que é público-alvo do Atendimento Educacional Especializado AEE.

Diante da grande dificuldade de um aluno com autismo de nível 1⁵ de gravidade, em não querer frequentar a escola no período pós-pandemia e ter grandes dificuldades em interagir com os colegas de sua turma. Tinha-se o grande problema, o aluno não tinha frequência assídua na escola, e não estava frequentando os atendimentos do AEE. Havendo o risco de ocorrer a evasão escolar do aluno. Abandono da escola no 9º ano, no último ano dos anos finais do ensino fundamental.

Justifica-se a escolha da prática em diminuir barreiras encontradas pelo aluno no ambiente escolar, criando caminhos a partir de suas habilidades e potencialidades para contínua permanência do educando dentro do espaço educacional que é a escola.

A autora é professora lotada na sala de recurso multifuncional (SRM), e realiza o Atendimento Educacional Especializado. O **aluno X**⁶ é estudante do 9º ano, e não queria frequentar a escola, tendo fragilidades em manter-se por muito tempo em sala de aula comum, tendo sensibilidade a barulhos e conversas, em alguns momentos desregulando-se, o aluno não conseguia interagir com seus pares. Mas, conseguia ter excelentes conversas com professores e funcionários da escola.

Considera-se que a prática teve grande relevância por partir da potencialidade do aluno, do protagonismo que o aluno desenvolveu ao longo dos atendimentos, permitindo que as habilidades do aluno fossem potencializadas resultando na aplicação de uma

⁴ As pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autismo (TEA) possuem uma deficiência de comunicação, com padrões de comportamentos restritivos repetitivos. Vigora no ordenamento jurídico a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autismo. Acesso em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/espectro-autismo>

⁵ Nível 1: exigindo apoio, nível 2: exigindo apoio substancial, nível 3: exigindo apoio muito substancial. No nível 1, na comunicação social, quando não há o apoio há déficits na comunicação social que causam prejuízos notáveis, ocorrendo dificuldades de iniciar interação. Tendo o comportamento restritos e repetitivos, ocorrendo inflexibilidade de trocar de atividades. Problemas para organização e planejamento são obstáculos a independência. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicosp/os-limites-do-meu-conhecimento-sao-os-limites-do-meu-mundo/>

⁶ Aluno X, será a nomenclatura em referência ao aluno citado durante todo o corpo do texto.

oficina de xadrez aos seus pares. Contribuindo para que a escola pudesse aprender e conviver com as diferenças no ambiente escolar.

METODOLOGIA

O estudo trata de um relato de experiência no atendimento presencial da Sala de Recurso Multifuncional(SRM), que ocorreu na Escola Municipal Narciso Pessoa de Araújo. Escola de Ensino Fundamental dos Anos Finais que tem como público-alvo, 35 alunos do Atendimento Educacional Especializado com as seguintes deficiências: Deficiência Intelectual com comorbidades; Autismo e Síndrome de Down.

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

A metodologia abordada foi a aplicação do Plano de AEE, em 8 atendimentos de 50 minutos. De acordo com contribuições dos autores Mantoan e Lanuti, do livro: *a escola que queremos para todos*

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com a legislação pessoa com deficiência tem restrição ou impedimento de longo prazo, de natureza física, intelectual ou sensorial, para desenvolver habilidades consideradas normais para a maioria dos seres humanos. Artº2 lei 13.146/2015” (BRASIL, 2021).

A experiência exitosa ocorreu a partir do atendimento especializado ao aluno com transtorno do Espectro Austista. Aluno público-alvo da educação especial segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva de 2008. O desenvolvimento deste trabalho ocorreu no segundo semestre 2022, nos meses de agosto a setembro, período em que foi aplicado os atendimentos com o plano de atendimento individual do aluno culminando na construção e aplicação da oficina de xadrez.

Objetiva-se nesta oficina de xadrez promover ao aluno com Transtorno do Espectro Autista o desenvolvimento de suas potencialidades no ambiente escolar, favorecendo o protagonismo do aluno e a interação com seus pares e a permanência do estudante na frequência escolar nos atendimentos e nas aulas da sala comum.

O **aluno X**, apresentou o laudo de diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista CID-11 Código 6A02⁷. O estudante tinha resistência em frequentar a escola, não aguentava o barulho da sala, sentia-se superior aos seus pares sentia-se incomodado com os colegas de sala de aula. No relacionamento interpessoal, demonstrava pouca receptividade com seus pares, quando conversa gosta de assuntos do seu interesse, filosofia, história e xadrez, tem dificuldades de interação com os colegas, chegando a agredi-los verbalmente. Na sala de aula comum, quando participa, gosta de sentar-se nas primeiras cadeiras, e ter boas discussões com os professores.

Com base nos escritos de Vigotski e Luria (1996), todos podem aprender e, por isso, desenvolver-se. Todos podem encontrar, em caso de deficiência, meios de desenvolver o talento cultural, isto é, a capacidade de empregar de modo mais eficaz possível as funções que estão íntegras (ADAMS; MANICA, 2021, p.132).

O foco do estudante, é pesquisar na internet sobre curiosidades de história e filosofia, temas que despertam uma conversa com muito entusiasmo, apresentando inteligência para essas temáticas acima do padrão. Ler e traduz inglês com boa fluência. Os caminhos para alcançar o objetivo, foi descobrir a potencialidade do aluno através da avaliação diagnóstica. Instrumental relevante para diagnosticar o nível do aluno e nortear o trabalho desenvolvido na sala de recurso multifuncional (SRM). Que serviu para a professora de AEE, elaborar e executar o plano de atendimento educacional especializado “plano de AEE”. Assim o professor pode identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas do aluno público-alvo da educação especial (BRASIL,2008).

É na SRM que são organizados os recursos e serviços a serem disponibilizados ao aluno no momento do AEE e, depois, nas demais atividades escolares. Todos esses recursos são investigados e propostos pelo professor do AEE, por meio de estudo de caso e do plano de atendimento individualizado de cada aluno. Esse plano, conhecido como Plano de AEE, não definitivo e, portanto, precisa ser avaliado e revisto regularmente (MANTOAN; LANUTI, 2022, p.70).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

⁷ Classificação Internacional de Doenças (CID), sua última versão, a CID-11.6A02.0 Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional. Disponível em: <https://institutosingular.org/cid-11-autismo/>

segue abaixo o desenvolvimento do plano de AEE, baseado em estudos dos autores MANTOAN E LANUTI.

Plano de AEE
<p>1. Objetivo do plano: Promover atividades de interação com a construção da oficina de xadrez a fim de desenvolver suas potencialidades no ambiente escolar, na interação com seus pares e a permanência do estudante na frequência escolar nos atendimentos e nas aulas da sala comum.</p>
<p>2. Organização do Atendimento: uma (1) vez por semana, duração de 50 minutos. Realizado individualmente nas quintas-feiras. Nos meses de agosto e setembro.</p>
<p>3. Atividades a serem desenvolvidas para o atendimento do aluno: 1. realizar a lista de alunos participantes da oficina. 2. Conversar com os colegas sobre quem gosta de jogar xadrez. 3. fazer cartaz da oficina e divulgar nas salas de aula do seu turno. 4. pesquisar a origem do xadrez na internet. 5. Construir tabuleiros de xadrez. 6. Construir slides de apresentação da oficina. 7. imprimir informações com as regras do jogo e movimento das peças.</p>
<p>4. Seleção de material a serem produzidos para o aluno: cartões de resolução de conflitos para serem discutidos no atendimento. Os cartões com situações na sala comum e possíveis conflitos nas oficinas.</p>
<p>5. Adequação de materiais: não há necessidade de adequação de material. Há a necessidade do professor acompanhar o aluno para haver a interação entre os colegas.</p>
<p>6. Seleção de material e equipamentos a serem adquiridos, por não constarem do acervo da SRM:</p> <p>5 cinco tabuleiros de xadrez, manual de jogo de xadrez impresso e caixa de chocolate.</p>
<p>7. Tipos de parceria necessárias para aprimoramento do atendimento e da produção de materiais: parceria com profissional de Apoio, estagiária de psicologia e pedagogia para auxílio ao aluno na divulgação das oficinas. Com a gestão da escola e professores para liberação de alunos na participação das oficinas.</p>
<p>8. Profissionais da escola que receberão orientação do professor de AEE sobre serviços e recursos oferecidos ao aluno: professores da sala comum, colegas da turma do aluno, direção da escola, equipe pedagógica da escola, estagiárias de pedagogia e psicologia, profissionais de apoio, funcionários da portaria e da cozinha da escola.</p>
<p>9. Acompanhamento e avaliação dos resultados do Plano de AEE:</p>

O plano foi avaliado durante toda sua execução. O registro dos atendimentos é realizado na ficha de acompanhamento do aluno. Caso os objetivos não sejam alcançados implementar outros recursos durante o plano.

O plano foi apresentado a família do aluno, e acordado com o estudante sobre o objetivo que queríamos alcançar. Este momento de diálogo e conversa ocorreu individualmente, aguardando o aceite do aluno na parceria da construção da oficina.

O **aluno x**, é um estudante muito inteligente, que sabia articular as palavras com uma oratória clara e concisa. Sabia argumentar e dialogar com os professores, só não conseguia se comunicar com seus colegas, esta era uma grande fragilidade do aluno. Em ambientes com muitas pessoas como sala de aula e recreio, o aluno ficava nervoso, suava, andava de um lado ao outro, não conseguia se concentrar.

O **aluno x**, gostava de ensinar e derrubou uma grande barreira aceitando a proposta da oficina. Segundo a fala do estudante ele relata: *“Professora, eu vou fazer a oficina para contribuir com o meu conhecimento pelo que até agora a escola me proporcionou, “conhecimento”. Quero contribuir!! Quero ensinar!! Estudo aqui a muito tempo e este é o meu último ano aqui, quero deixar alguma coisa legal na escola”*.

Nos 2 primeiros atendimentos o aluno pode vivenciar o protagonismo, oportunizando ao professor conhecer o jogo, conhecer as estratégias e a origem do xadrez. O aluno teve paciência de ensinar ao professor os movimentos e o nome das peças. E através do recurso pedagógico xadrez o aluno e professor trocaram conhecimento no jogar.

No terceiro atendimento foi dia de planejar com o aluno quantas vagas teria a oficina, o local onde iria ocorrer, quantos tabuleiros precisariam ter, e se haveria premiação, e quem seria o instrutor da oficina. Após a conclusão do planejamento resultou, que a oficina ocorreria para 10 alunos, o local seria na sala de recurso multifuncional (SRM), e seria necessário 5 cinco tabuleiro de xadrez para que o instrutor pudesse dar conta da orientação aos alunos, o instrutor seria o aluno que detinha muito conhecimento do uso do tabuleiro. Ao final da oficina haveria um sorteio para os jogadores mais bem colocados durante a oficina.

No quarto atendimento foi dia de utilizar a tecnologia a ferramenta pedagógica computador para construção do cartaz de divulgação, utilizamos o word para a construção. E para iniciar os slides, fomos pesquisar na internet a sua origem, as imagens e o nome das peças do tabuleiro. O aluno conseguia pesquisar com rapidez, necessitou de intervenção na organização das ideias dos slides. O aluno ainda não conhecia o powerpoint, mas depois que o professor explicou o uso do software, o aluno conseguiu construir um belo cartaz para divulgação da oficina e conseguiu dar início aos slides da oficina.

No quinto atendimento foi momento de conversar sobre a divulgação da oficina na escola, e a inscrição dos alunos. Neste atendimento foi realizado um tabuleiro de xadrez de papelão, com pinturas de tinta guache. Finalizamos este dia imprimindo as regras do jogo e imagens de tabuleiros com a função do movimento de cada peça. No sexto atendimento o aluno estava muito empolgado, e feliz por estar construindo a oficina, estava cheio de expectativas para ensinar os alunos. Neste atendimento finalizamos os slides. No sétimo atendimento, já com todos os tabuleiros na sala, e as orientações de como jogar impressas, realizamos ensaios no ambiente da S.R.M. com a presença das estagiárias de pedagogia e psicologia, e a profissional de apoio. Foi momento de tirar dúvidas do que estava programado.

O grande dia chegou, o oitavo atendimento foi a aplicação da oficina. O aluno chegou antes do combinado, e antes de iniciar estava ansioso, nervoso, andava de um lado ao outro. Mas, quando começou a explicar sobre a origem do xadrez e como se inicia a jogada a partir dos peões, o aluno deu um show, conseguia se movimentar no espaço da sala com calma e paciência. Conseguiu explicar de forma didática cada jogada de xadrez no telão. Ensinou aos alunos a importância do jogo e a relevância de pensar nas estratégias, e como fazê-las até dar um cheque mate no oponente. E ao terminar deu tempo para que os alunos pudessem colocar em prática as regras do jogo e jogassem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de eliminar barreiras de interação que impediam o acesso do aluno a escola e até aos atendimentos, a construção e aplicação da oficina de xadrez foi satisfatória para o desenvolvimento das habilidades do aluno. Mas, não possibilitou a

contínua frequência do aluno na sala de aula comum, o aluno ainda tinha grandes dificuldades de frequentar as aulas.

Pontos positivos da experiência, resultou em mudança de postura do aluno. Se antes o aluno queria abandonar a escola e não tinha perspectiva futuras de estar na escola. A partir da construção da oficina, o aluno tinha o sonho e a postura de realizar a prova do IFCE, e a prova do centro de línguas IMPARH. O aluno começou a ter frequência assídua nos atendimentos que ocorriam no contraturno. A oficina de xadrez na escola foi um sucesso, os alunos que participaram aprenderam e continuam praticando este jogo nos momentos de intervalo e recreação de sala. A oficina de xadrez veio a desenvolver as funções executivas do aluno, contribuindo para elaboração e organização de estratégias; a sustentação da atenção; a flexibilidade e a plasticidade comportamental; a mudança estratégica e a programação do que iria ocorrer (Fonseca, 2014). A interação do aluno com os participantes foi muito relevante nesta experiência, já que o aluno não conseguia conversar com os colegas. O aluno com a função de instruir e ensinar o método do jogo xadrez conseguiu interagir e conversar com os participantes da oficina. Considera-se que a atuação do professor para este aluno oportunizou ao aluno e a escola a vivenciar a escola para todos, em que tanto o aluno com deficiência aprende, como também ensina. Conclui-se que este aluno através de sua inteligência e característica trouxe conhecimento para escola, em que foi possível troca de saberes entre professor e aluno. O protagonismo do aluno contribuiu para a construção de uma escola de concepção inclusiva.

AGRADECIMENTOS

Aos alunos que atendo na sala de recurso multifuncional

REFERÊNCIAS

ADAMS, F. W.; MANICA, A. P. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA O ENSINO DOS ALUNOS Público-alvo DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: EM FOCO A DEFECTOLOGIA. **RELPE: Revista Leituras em Pedagogia e Educação**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 122–140, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/relpe/article/view/13611>. Acesso em: 28 jul. 2023.

BRASIL, **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em: 20 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação Especial (SEESP). Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília : MEC/ SEESP, 2008.

LOPES, Rosalia Maria De Rezende. REZENDE, Paulo Izidio Da Silva. **O direito da pessoa com Transtorno do Espectro Autismo (TEA)**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 05, Vol. 13, pp. 65-82. Maio de 2021. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/espectro-autismo>. Acesso em: 10 jul 2023.

MANTOAN, M.T.E., LANUTI, J.E.O.E. **A escola que queremos para todos**. Curitiba: CRV, 2022.